

Saúde Pública e Mídias Digitais: Uma Análise Comparativa entre narrativas desinformativas sobre Dengue e Covid-19 no Instagram¹

Isadora Gonçalves Eleutério dias ARAÚJO²

Alice Souza RAIMONDI³

Fábio Gomes GOVEIA⁴

Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES

RESUMO

O cenário infodêmico pós-pandemia de Covid-19 favoreceu a disseminação de narrativas negacionistas. Com o recente surto de dengue no Brasil, observa-se uma reprise de discursos desinformativos surgidos durante a pandemia. O presente estudo compara a propagação de desinformação sobre saúde no Instagram durante esses dois eventos, identificando padrões na disseminação de informações falsas. A análise qualitativa revela que há recorrência de medicamentos sem respaldo científico, tratamentos caseiros e questionamentos à eficácia das vacinas, além do uso frequente de fontes internacionais para sustentar falsas alegações.

PALAVRAS-CHAVE: desinformação; Covid-19; dengue; Instagram; fake news.

CORPO DO TEXTO

Nos últimos anos, as mídias sociais têm sido cruciais para os processos comunicacionais e informacionais. Especialmente no período pandêmico, elas foram um meio valioso para a difusão de informações sobre o coronavírus e diretrizes médicas. Entretanto, devido à infodemia⁵, provocada pelo uso intenso dessas plataformas, observou-se a formação de um ambiente favorável para a proliferação de informações falsas no que tange, principalmente, à saúde pública. Tal cenário se agravou devido ao obscuro entendimento do SARS-CoV-2, que gerou além de uma busca acelerada por tratamentos e medidas preventivas para a Covid-19, disputas discursivas (SOARES et al., 2020) sobre seus protocolos de controle. Enquanto as instituições públicas de saúde tentavam conscientizar a sociedade e mitigar a disseminação da doença, atores sociais adotaram as mídias digitais para difundir conteúdos falsos, transformando as “fake

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Estudos em Comunicação e suas interdisciplinaridades, evento integrante da programação do 27º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 30 de maio a 1º de junho de 2024.

² Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo da UFES, e-mail: isadoraeleuterio@gmail.com

³ Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo da UFES, email: alice.sr10@gmail.com

⁴ Professor do Departamento de Comunicação Social da UFES, email: fabiogv@gmail.com

⁵ “Um excesso de informações, algumas precisas e outras não, que tornam difícil encontrar fontes idôneas e orientações confiáveis quando se precisa.” (OPAS, 2020).

news” em capital político e econômico (GALHARDI et al., 2020). Nesse contexto, um cenário desafiador para a saúde pública foi constituído, no qual a desinformação é disseminada tão rapidamente quanto informações cientificamente embasadas. Iniciou-se um processo de ataque ao método científico e valorização do negacionismo, que incluiu, entre outros comportamentos, o uso de medicamentos sem respaldo científico, a hesitação vacinal e a descrença nas autoridades sanitárias. Mesmo após o período pandêmico, percebe-se a reverberação desses discursos, que passaram a ser aplicados a outras doenças. Isso é evidenciado pela baixa adesão à vacina contra a dengue e à volta da ivermectina para a mídia, dessa vez, como suposto tratamento para a dengue.

Com o atual surto de dengue, intensificado no início de 2024, surgiram narrativas desinformativas que em muito se assemelham ao movimento negacionista iniciado em 2020. Segundo o Instituto Oswaldo Cruz, arbovirose está presente no Brasil desde o século XIX e ainda é motivo de preocupação, visto que, até fevereiro deste ano, não havia uma vacina específica para a doença. A falta de protocolos médicos próprios de tratamento abre margem para a proliferação de curas e prevenções equivocadas e sem respaldo científico na internet, assim como ocorreu com o coronavírus.

Nesse sentido, o presente trabalho investiga, a partir de uma análise qualitativa, semelhanças e diferenças entre as narrativas desinformativas sobre a dengue e a Covid-19 compartilhadas no Instagram, a fim de desvendar estratégias e padrões negacionistas. Diante a distinção entre os dois temas tratados no estudo, foi definido como período de análise os meses referentes à primeira aplicação das vacinas da Covid-19 e da dengue, 17 de janeiro de 2021 e 8 de fevereiro de 2024, respectivamente. Inicialmente, foram realizadas duas coletas de dados pela plataforma Crowdtangle, utilizando termos referentes à cada uma das doenças⁶. Posteriormente, uma análise qualitativa das publicações obtidas foi conduzida para identificar os termos mais citados em publicações desinformativas. Com base na análise, novos termos⁷ foram definidos e uma nova coleta dos mesmos períodos foi efetuada, focando na desinformação. Diante

⁶ A coleta referente à dengue foi filtrada a partir dos termos “dengue” “mosquito” “Aedes Aegypti” “QDenga” e “Dengue”. A coleta sobre a Covid-19 baseou-se nos termos: “Coronavírus” “coronavirus”, “corona”, “coron4”, “c0r0n4” “covid”, “covid19”, “COVID-19”, “covid-19” “C0v*d-19” e “Cor0na” associados às palavras “prevenção”, “prevencao”, “prevenir”, “tratamento” e “tratar”.

⁷ Para a dengue foram definidos os termos “dengue” e “Dengue” associados às palavras “zinco”; “vitamina d”; “vitamina D”; “vitaminad”; “ivermectina”; “b12”, “montelucaste”; “NAC”, “mamão”; “mamao”; “N-acetilcisteína”; “N-Acetilcisteína”; “cúrcuma” e “curcuma”. Já para a coleta sobre a Covid-19, foram utilizados os termos “Coronavírus”; “coronavirus”; “corona”; “c0r0n4”; “covid”; “covid19”; “COVID-19”; “covid-19” e “C0v*d-19” associados às palavras “cloroquina”; “hidroxicloroquina”; “ivermectina”; “cúrcuma”; “curcuma”; “zinco”; “b1”; “vitamina D”; “azitromicina”; “aspirina”; “AAS”; “vac1na”; “nitazoxanida”; “doxiciclina” e “tratamento precoce”

estratégia presente nas duas coletas: o uso de fontes internacionais para justificar a recomendação de fármacos reprovados pelas instituições brasileiras de saúde.

Na imagem 1 também é possível observar o destaque para os termos “mamão”, “folha”, “vitamina” e “limão”. Eles estão associados a uma narrativa que propaga tratamentos caseiros para a dengue. Os atores recomendam chás da folha do mamão para casos de dengue, bem como limão, cúrcuma, própolis e suplementação com vitaminas D e B e zinco. Uma narrativa semelhante foi observada no início da pandemia de Covid-19. De acordo com Galhardi et al. (2020), 71,4% das mensagens falsas sobre a doença circuladas no WhatsApp citam a Fundação Oswaldo Cruz como fonte de orientações sobre medidas caseiras para eliminar o vírus. Em nota publicada em 2020, a Sociedade Brasileira de Farmacognosia também apontou que circulavam *fake news* a respeito do uso de plantas ou remédios caseiros para prevenir ou curar a Covid-19. Alguns dos remédios caseiros citados no período foram a cúrcuma¹⁰ e o alho¹¹.

O ataque às vacinas também é comum em ambos os casos. Sabe-se que no período pandêmico houve uma intensa reação antivacina. Na coleta de Covid, resquícios dessa reação são evidenciados por uma publicação de Luciano Hang¹², na qual ele questiona a eficácia da Coronavac e a compara a um paraquedas. Quando constatada a eficácia de 50,38% da vacina, Hang questiona: “Você usaria um paraquedas com 50% de chance de abrir?”. Narrativas como essa foram ressuscitadas para contestar a eficácia da vacina contra a dengue. Uma publicação do perfil @coletividadeevolutiva¹³ revisita o período pandêmico e aponta que os meios de comunicação estariam, “novamente”, “mentindo e incentivando uma vacina mal estudada e experimental”. É possível enxergar essa publicação como reflexo do movimento antivacina de 2020, vide os baixos índices de adesão vacinal¹⁴ no combate à dengue. De forma paralela, a hesitação vacinal durante o surto de febre amarela no Brasil foi apontada como consequência da desordem da informação pela Organização Mundial de Saúde¹⁵. Esse cenário é intensificado pela interferência das mídias sociais no comportamento humano.

Henriques (2018), aponta que a saúde é um meio favorável para a rápida circulação de notícias e boatos devido ao escasso acesso da população à informação

¹⁰ É #FAKE que estudos mostrem que cúrcuma combate a Covid-19. Clique [aqui](#) para acessar.

¹¹ É #FAKE que alho cru e açafraão previnam a infecção pelo coronavírus e curem a Covid-19. Acesse [aqui](#).

¹² Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CJ9pC9UrCBe/>>.

¹³ Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/C3GdCbFveCE/>>.

¹⁴ Dengue: apenas 2 de cada 10 vacinas entregues pelo SUS foram aplicadas. Clique [aqui](#) para acessar.

¹⁵ Fake news tiveram influência na vacinação contra a febre amarela no Brasil, diz chefe da OMS. Acesse [aqui](#).

adequada, à falta de credibilidade nas autoridades sanitárias e à ansiedade causada pelas notícias sobre doenças e epidemias. Em ambas as coletas, observou-se um discurso que instrumentaliza o desespero causado pelas doenças sem tratamento específico para disseminar falsas narrativas. Atores como @dricaroalves¹⁶, justificam suas postagens com o propósito de “tranquilizar” a população, apresentando soluções que estão “ao alcance de todos”. Outros alegam que a desaprovação do uso dos medicamentos indicados significa “impedir que as pessoas se ditem”, como é o caso de um vídeo do jornalista Alexandre Garcia¹⁷. Essas falas estão alinhadas a um discurso que busca descredibilizar as autoridades sanitárias e minar a confiança da população nas instituições de saúde a partir da propagação de curas “milagrosas” e sem respaldo.

Também foram analisados os atores que compartilharam informações falsas e tendenciosas no período. Na coleta referente à dengue, observou-se a prevalência de perfis de médicos e páginas com tendências políticas de direita. Também foi constatada a presença de páginas focadas em conteúdos da medicina tradicional e natural, bem como perfis de nutricionistas. Já na análise sobre o coronavírus, percebeu-se o destaque de perfis políticos de direita, sejam perfis pessoais sejam páginas com enfoque político.

Diante do exposto, é evidente que as narrativas negacionistas surgidas na pandemia, têm influenciado a percepção da população em relação à dengue. O estudo revela semelhanças nas táticas desinformacionais sobre as doenças, destacando a recorrência de medicamentos não comprovados cientificamente, tratamentos caseiros e estímulo à hesitação vacinal. Além disso, o discurso negacionista se apropria de fármacos aprovados pela ciência, atribuindo-lhes um caráter “milagroso”, e embasa as alegações em artigos e estudos internacionais, descredibilizando as recomendações das instituições nacionais de saúde. Visto isso, faz-se necessário aprofundar o entendimento sobre a reverberação do movimento antivacina do período pandêmico, focando na perda de crença no método científico e nas autoridades sanitárias.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, A. M. C. VINÍCIUS, M.; FREITAS, G. R. M. **CIM x FAKE NEWS: USO DE CHÁS MEDICINAIS PARA PREVENIR OU CURAR A COVID-19**. Universidade Federal da Paraíba, Centro de Informação sobre Medicamentos. 2020. Disponível em:

¹⁶ Publicação disponível em: < <https://www.instagram.com/p/C3DG9OgOqRH/>>.

¹⁷ Disponível em: < <https://www.instagram.com/tv/CJ62zOLnrL4/>>.

<<https://www.ufpb.br/cim/contents/menu/cimforma/cim-x-fake-news-uso-de-chas-medicinais-para-prevenir-ou-curar-a-covid-19>>. Acesso em: 28 abr 2024.

Dengue: apenas 2 de cada 10 vacinas entregues pelo SUS foram aplicadas. Agência Brasil, 2024. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2024-03/dengue-apenas-2-de-cada-10-vacinas-entregues-pelo-sus-foram-aplicadas>>. Acesso em: 7 abr 2024.

É #FAKE que alho cru e açafrão previnam a infecção pelo coronavírus e curem a Covid-19. G1, 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/fato-ou-fake/coronavirus/noticia/2020/05/13/e-fake-que-alho-cru-e-acafrao-previnam-a-infeccao-pelo-coronavirus-e-curem-a-covid-19.ghtml>>. Acesso em 28 mar 2024.

É #FAKE que estudos mostrem que cúrcuma combate a Covid-19. G1, 2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com/fato-ou-fake/coronavirus/noticia/2021/07/12/e-fake-que-estudos-mostrem-que-curcuma-combate-a-covid-19.ghtml>>. Acesso em: 28 mar 2024.

Fake news tiveram influência na vacinação contra a febre amarela no Brasil, diz chefe da OMS. G1, 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/bemestar/noticia/fake-news-tiveram-influencia-na-vacinacao-contra-a-febre-amarela-no-brasil-diz-chefe-da-oms.ghtml>>. Acesso em: 8 abr 2024.

GALHARDI, C. P.; FREIRE, N. P.; MINAYO, M. C. D. S.; FAGUNDES, M. C. M. **Fato ou Fake? Uma análise da desinformação frente à pandemia da Covid-19 no Brasil.** Ciência & Saúde Coletiva, v. 25, p. 4201-4210, 2020.

HENRIQUES, C. M. P. **A dupla epidemia: febre amarela e desinformação.** Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde, v. 12, n. 1, 2018. Disponível em: <<https://homologacao-reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/1513>>. Acesso em 28 mar 2024.

O mosquito Aedes aegypti faz parte da história [...]. Instituto Oswaldo Cruz. Dengue: Vírus e Vetor. Disponível em: <<https://www.ioc.fiocruz.br/dengue/textos/longatraje.html#:~:text=No%20Brasil%2C%20os%20primeiros%20relatos,a%20transmiss%C3%A3o%20da%20febre%20amarela>>. Acesso em: 2 abr 2024.

OPAS. Organização Panamericana de Saúde. **Entenda a infodemia e a desinformação na luta contra a Covid-19.** Página Informativa N° 5. Departamento de Evidência e Inteligência para Ação em Saúde. 2020. Disponível em: <https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/52054/Factsheet-Infodemic_por.pdf>. Acesso em: 8 abr 2024.

SOARES, F. B.; BONOTO, C.; VIEGAS, P.; SALGUEIRO, I; RECUERO, R. **Disputas discursivas e desinformação no Instagram sobre o uso da hidroxicloroquina como tratamento para o Covid-19.** In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. 2020.